



e-ISSN 2238-8885

**VIOLÊNCIAS NO FUTEBOL BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE DOS CASOS REGISTRADOS EM 2023**

**Violence in brazilian football:
an analysis of cases registered in 2023**

**Violencias en el fútbol brasileño:
un análisis de los casos registrados en 2023**

Nicolás Eduardo Cabrera Duran ¹

Raquel de Oliveira Sousa²

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no Observatório Social do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O texto registra e analisa casos de violência física relacionados ao futebol masculino profissional, disputado em território brasileiro durante o ano de 2023. Para a análise dos dados, fizemos um levantamento sistemático de matérias jornalísticas. Entre os resultados obtidos, conseguimos identificar um conjunto de padrões, como a prevalência de ocorrências entre torcedores de times diferentes e em regiões distantes dos estádios de futebol. Também registramos casos de vítimas fatais. Esperamos colaborar na formulação de políticas públicas e diagnósticos técnicos no campo da segurança esportiva. Em vista disso, encerramos o artigo com uma lista de sugestões de medidas e pontos de atenção.

Palavras-chave: Futebol. Torcidas. Violências.

Abstract:

This article presents the results of a survey carried out at the Social Football Observatory of the State University of Rio de Janeiro (UERJ). The text records and analyzes cases of physical violence related to

professional men's football, played in Brazilian territory during the year 2023. To analyze the data, a systematic survey of journalistic materials was carried out. Among the results obtained, it was possible to identify a set of patterns, such as the prevalence of occurrences among fans from different clubs and in regions far from football stadiums. We also record cases of fatal victims. We hope to collaborate in the formulation of public policies and technical diagnoses in the field of sports safety. In view of this, we close the article with a list of suggested measures and points of attention.

Keywords: Football. Fans. Violence.

Resumen:

Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en el Observatorio Social del Fútbol de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ). El texto registra y analiza los casos de violencia física relacionados con el fútbol masculino profesional, disputado en territorio brasileño durante el año 2023. Para el análisis de los datos, se realizó un levantamiento sistemático de artículos periodísticos. Entre los resultados obtenidos, fue posible identificar un conjunto de padrones, como el predominio de incidentes entre hinchas de diferentes equipos y el hecho de que la mayoría de los casos tienen lugar en regiones alejadas de los estadios de fútbol. También registramos casos de víctimas fatales. Esperamos colaborar en la formulación de políticas públicas y diagnósticos técnicos en el campo de la seguridad deportiva. Concluimos el artículo con una lista de sugerencias de medidas.

Palabras claves: Fútbol. Hinchas. Violencia.

Introdução

No Brasil o futebol é um ritual privilegiado para ler os processos sociais das nossas sociedades contemporâneas. Um dos mais importantes a serem estudados se relaciona com as violências que ali ocorrem. Estamos falando de um dos países com maior número de mortes ligadas ao futebol em toda América Latina. Consequentemente, se o futebol é um problema sociológico vital, as suas violências são um problema social urgente.

Esse artigo parte do trabalho desenvolvido pelo Observatório Social do Futebol, em especial, na linha de pesquisa “Violência(s) e Convivência(s) no futebol”, com o qual procura-se constituir e consolidar uma rede de trabalho formada por pesquisadores, torcedores e outros atores da sociedade civil a fim de produzir um conhecimento científico comprometido com o debate público acerca da problemática relacionada à violência no futebol. É insólito que o Brasil não tenha números oficiais referentes a problemas de tamanha importância e magnitude. Precisamos reconstruir integralmente o quadro da situação ligado ao fenômeno das violências no futebol.

Nesse sentido, com o presente artigo, interessa-nos quantificar, classificar e mapear os casos de violências físicas retratados pela mídia brasileira durante o ano de 2023. A base de dados utilizada nessa produção foi produzida pelos autores para ser utilizada no relatório “Violências no

futebol brasileiro”, projeto fundamentado na máxima: o que não pode ser medido não pode ser melhorado.

Metodologia

A base de dados utilizada para a produção desse relatório foi construída a partir de um levantamento das coberturas midiáticas referidas a episódios de violência física ligados ao futebol masculino e profissional disputado no território brasileiro durante o ano de 2023. O material coletado foi codificado e categorizado em “casos”³ (FOCÁS, 2020). Uma vez identificados, os “casos” foram categorizados em indicadores passíveis de quantificação estatística e mapeamento geo-localizado. O corpus analisado foi coletado a partir do levantamento de 18 fontes digitais, principalmente jornais e portais de notícias nacionais. Grande parte são veículos sediados no Sudeste. Analisamos perfis de redes sociais dedicados à temática pesquisada como uma primeira triagem de seleção dos casos. Porém, só foram incluídos em nossa base de dados aqueles “casos” publicados em jornais e portais de notícias.

Sabemos das limitações de utilizar a imprensa como único material empírico para um fenômeno tão complexo como são as violências no futebol. Por um lado, porque os diferentes veículos têm os seus próprios interesses ideológicos, além de uma cobertura limitada que, embora se pretenda nacional, não abandona por completo os regionalismos. Por outro lado, porque sabemos que a imprensa pode trazer uma leitura parcial condenando enfaticamente alguns atores envolvidos e relativizando a responsabilidade de outros (HELAL, 2011)

Perante esse desafio, destacamos dois pontos: no primeiro reconhecemos as limitações do nosso trabalho. Os dados aqui apresentados não são, necessariamente, um reflexo fiel de todas as violências ligadas ao futebol brasileiro masculino e profissional. O que a informação sistematizada representa são os registros e silêncios da cobertura midiática nacional sobre o assunto (MARCONDES FILHO, 2016). Nesse sentido, é bom frisar que os dados aqui expostos são um indicativo de um problema ainda mais amplo.

No segundo ponto afirmamos as potencialidades do nosso trabalho, pois as limitações das coberturas midiáticas são contrabalançadas com outros dados e resultados rigorosamente construídos pela extensa produção acadêmica de colegas e pela longa experiência de pesquisa própria, nacional e internacional, materializada em livros, artigos acadêmicos, palestras, orientações, teses e dissertações (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; REIS, 2000; TEIXEIRA, 2004; MURAD, 2007; BUARQUE DE HOLLANDA, 2009; LOPES TAVARES, 2019; DA SILVA, 2023; CABRERA, 2024, SOUSA, 2021).

Futebol, violências e mídia

Apesar de haver uma lógica de senso comum que relaciona os torcedores às práticas de violência, esses tipos de episódios não são recentes. Há pesquisas que mostram casos violentos desde o início do século XX com a popularização do esporte, principalmente com torcedores de regiões periféricas da cidade (RODRIGUES FILHO 2010; PEREIRA, 2000). Porém, foi na década de 1980 que a “violência no futebol” passou a se notabilizar como conteúdo noticioso, ligando-se ao fenômeno das torcidas organizadas (PIMENTA, 1997; REIS, 2000, SILVA, 2021). Nesse período, foi alçado à condição de problema social brasileiro, tornando-se objeto de preocupação pública constante. De acordo com Toledo (1996), isso se deu, sobretudo, a partir de 1988, com o destaque dado pela imprensa ao assassinato de um dos dirigentes e fundadores da Mancha-Verde, uma das principais torcidas organizadas do Palmeiras. Em meados da década de 1990, a violência no futebol ganhou uma dimensão pública ainda maior, entrando definitivamente na pauta das decisões políticas. Um episódio em especial parece ter chamado a atenção da imprensa, recebendo ampla cobertura jornalística: a chamada “batalha campal do Pacaembu”, quando torcedores do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram violentamente.

Desde então, a imprensa começou uma ofensiva de criminalização rotulando às torcidas organizadas como “quadrilhas”, “bárbaros”, “selvageria”, “praga”, “vândalos”, “hooligans”, “bandidos”, “meliantes”, “terroristas”, “facções”, “organizações criminosas”, “bandidagem”, “doença do futebol”, entre outras (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; REIS, 2000; MURAD, 2007). Foi então entre a década de oitenta e noventa que no Brasil fica fixada uma polarização simbólica entre um “nós”, sociedade; e um “eles”, torcedores organizados (SILVA, 2021). Estes grupos seriam corpos estranhos que deveriam ser extraídos do corpo social (LOPES TAVARES, 2019).

Toda essa visibilidade do assunto “violência de torcedores” produzida e reproduzida midiaticamente, teve efeitos de realidade. Na virada do século, a temática expande-se na opinião pública, na agenda legislativa e nas pesquisas acadêmicas. Em ambos os casos, com óbvias diferenças, se dá um aumento da letalidade em comparação com os anos anteriores. Quando as brigas deixam mortos, o caso ganha destaque na imprensa e o problema se amplifica.

Particularmente, no Brasil, por um lado se acelera vertiginosamente o processo de mercantilização, militarização, elitização e espetacularização do futebol brasileiro depois que o país foi escolhido como sede da Copa do Mundo masculina de futebol em 2014. Por outro lado,

há dois assassinatos que supostamente envolveriam torcida organizada. Esses dois acontecimentos aparentemente desconectados marcam uma questão central na cobertura midiática brasileira: a denúncia do aumento da violência letal e a criminalização das torcidas organizadas como responsáveis daquele aumento. Nesse contexto, as torcidas organizadas são midiaticamente representadas como “obstáculos” para a necessária modernização do futebol brasileiro em vista do mundial de 2014.

Há pesquisas que mostram como, no Brasil, nas primeiras décadas do século XXI, entre 2007 e 2011 foram registrados 73 óbitos (NERY, 2012). Esse aumento da letalidade em comparação com os anos anteriores, tem sido acompanhado por uma outra tendência: a diminuição dos conflitos dentro dos estádios e o aumento de agressões em cenários afastados das competições esportivas. Nesse panorama verifica-se um aumento do uso de arma de fogo. Em 2011, o penúltimo ano do qual temos registro, das 20 mortes ocorridas, 17 foram causadas por aquele tipo de armamento.

O breve percurso histórico proposto aponta para três fatos que são fundamentais para contextualizar a nossa pesquisa: I) a violência nesse esporte não é um fenômeno recente II) os torcedores organizados eram tratados a partir de lógicas estigmatizantes (GOFFMAN, 1988), movimento que permanece até hoje III) as mídias desempenharam um papel fundamental na tematização da "violência no futebol" como questão pública intensificando o “pânico moral” (HALL, JEFFERSON, 2014) contra os torcedores organizados.

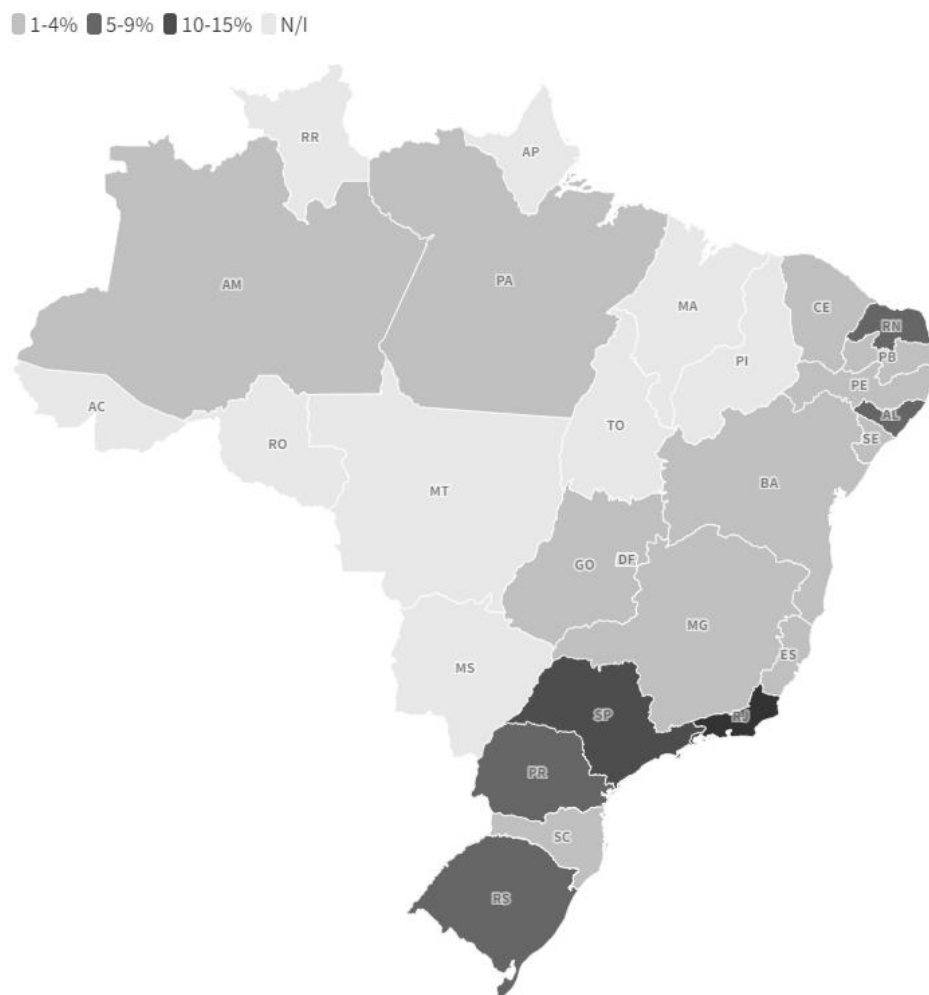
Resultados

Ao todo tivemos 158 casos registrados em 2023. Primeiramente, fizemos a distinção entre quais eram os casos relacionados à violência física ou verbal. Entre os casos registrados, 87% eram referentes à violência física, 11% violência verbal e apenas 2% eram notícias acerca de outros tipos de violências. Dado ao maior volume de casos que abordam a violência física e sabendo que existem outros relatórios que se dedicam a outras modalidades de violência, nos dedicaremos à análise de dados somente dos registros desses casos.

Em referência aos episódios de confrontos físicos tivemos o registro de 138 casos, nele há uma distribuição desigual entre os estados. Rio de Janeiro e São Paulo, juntos, somam aproximadamente 45% dos registros, quase a metade dos casos. Fato que demonstra uma sobrerrepresentação do Sudeste. Essa discrepância pode ser ocasionada pela localidade da maioria dos veículos de imprensa utilizados; pela quantidade e gravidade dos casos de violência ocorridos no Rio de Janeiro e em São Paulo; como também pode ser justificado pela maior atenção da

mídia para os conflitos na região Sudeste. Segue abaixo o mapa onde mostra as porcentagens de casos registrados em todo o Brasil.

Mapa 1 - Ocorrências por estado (2023)



Fonte: IGBE via HDX (boundaries), Simple maps (points)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para acessar o formato interativo: <<https://public.flourish.studio/visualisation/18925442/>>.

Olhando o mapa das porcentagens de cada estado, observa-se que nem sempre as políticas públicas adotadas para a redução da violência em eventos esportivos são eficientes. A política de torcida única, isto é, jogos com a presença de somente uma torcida, é um exemplo.

São Paulo, Paraná, Alagoas e Rio Grande do Norte, são alguns estados que adotam torcida única, entretanto possuem mais de 5% dos casos registrados.

Mesmo com os clássicos sendo um ponto de atenção, como veremos adiante, a adoção da torcida única como política pública para a segurança nos eventos esportivos não se mostra eficaz para a diminuição dos episódios e ainda traz prejuízos para as relações sociais. O caso de São Paulo é muito emblemático. Com torcida única desde 2016, há uma geração de torcedores e torcedoras que não sabem o que é vivenciar o clássico do seu clube com a torcida adversária. Esse é um fator que, em âmbito social e cultural, corrói a diversidade e impossibilita espaços de convivência.

Mapa 2 - Torcida única no ano de 2023



Fonte: Elaborado pelos autores.

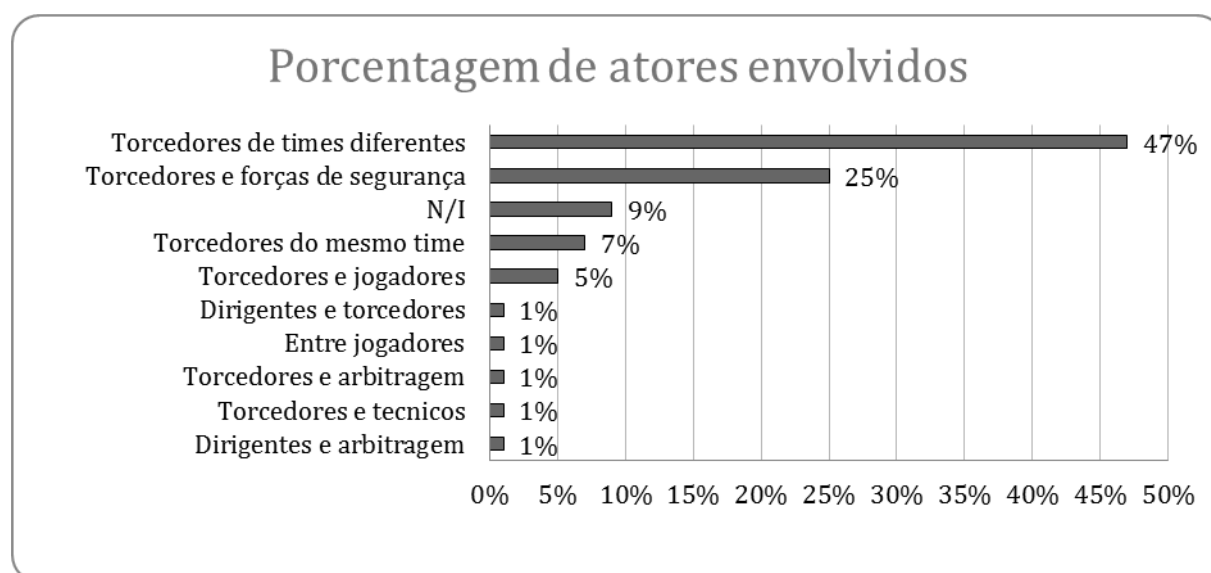
Para acessar o formato interativo: <<https://public.flourish.studio/visualisation/18913822/>>.

Outra política adotada com a justificativa de segurança é a tecnologia de reconhecimento facial. Conforme a Lei Geral do Esporte (nº. 14.597) no art. 148, implementada em junho de 2023, a tecnologia deve ser obrigatória em todos estádios com capacidade a partir de 20.000 torcedores até o ano de 2025. Na mesma lei, o art. 158 apresenta que torcedores a partir de 16 anos devem ser cadastrados, no entanto os clubes estão cadastrando até crianças de colo. O relatório “Esporte, Dados e Direitos: o uso do reconhecimento facial nos estádios brasileiros”, do projeto Panóptico, apresenta que, apesar da tecnologia estar sendo implementada sem grandes questionamentos, ela expõe à insegurança menores e grupos socialmente vulnerabilizados (como mulheres e negros).

Dinâmicas das violências

Nessa seção trataremos sobre quais são as formas de violência mais preponderantes no Brasil. A maioria das ocorrências registradas em 2023 são entre torcedores de times diferentes (47%) e de torcedores contra forças de segurança (25%). Continuam, em menor medida, as brigas entre torcedores do mesmo time (7%) e as confusões entre torcedores e jogadores (5%).

Gráfico 1 - Porcentagem de atores envolvidos



Fonte: Elaborado pelos autores.

A predominância dos confrontos entre torcedores de times diferentes tem a ver, em parte, com quatro fatores identificados: o clubismo como princípio ordenador das identidades futebolísticas; os altos índices de violência que acontecem nos dias de clássico; a vingança como

obrigação moral das torcidas atacadas e o complexo sistema de alianças e inimizades que regulam as relações entre as torcidas organizadas do país todo.

Embora existam várias torcidas do mesmo time com brigas internas, a identidade clubística ainda é o principal elemento identificador e diferenciador entre torcedores. Essa tensão intensifica-se naqueles jogos considerados “clássicos”, como vamos ver mais na frente no caso do Rio de Janeiro, ou quando se encontram torcidas que fazem parte de diferentes uniões ou alianças. Nesses casos é comum que, por exemplo, a torcida X que joga em casa faça uma emboscada na torcida Y que chega como visitante. Se aquilo acontecer, é esperável que, no jogo de volta, a torcida Y responda com um ataque na torcida X. Esse mecanismo de ataque e contra-ataque tem a ver com o universo moral das torcidas organizadas onde a honra e o respeito depende da capacidade de luta.

Para compreender melhor as brigas entre torcedores de times diferentes, desde o observatório construímos o **“Mapa das Alianças entre Torcidas Organizadas do Futebol Brasileiro”**. Nós identificamos cinco uniões ou alianças no país todo: União Dedo Pro Alto (DPA), União Punho Colado, União Punho Cruzado, Lado A e Lado B.

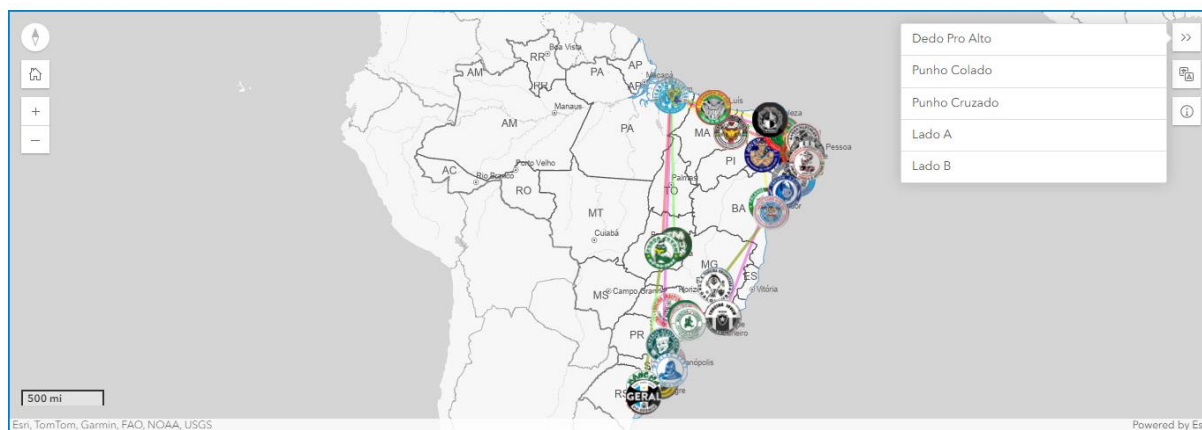
A necessidade do mapa justifica-se na sua capacidade descritiva e explicativa das relações de amizades e inimizades entre as torcidas organizadas no nível nacional. Estas afinidades e hostilidades não são um fenômeno nem recente nem especificamente local. Existem casos similares em outros países assim como também uma evolução histórica do caso brasileiro que expõe um fenômeno muito dinâmico. Porém, além das particularidades e mudanças, encontramos um princípio estruturante que ordena estas alianças e que, na literatura sócio-antropológica, se conhece como a “síndrome de beduíno”, que possui como premissa a lógica de que “O amigo de um amigo é um amigo; o inimigo de um inimigo é um amigo; o amigo de um inimigo é um inimigo; o inimigo de um amigo é um inimigo.” (DUNNING, MURPHY Y WILLIAMS, 1995, p. 308).

Logicamente não se trata de um princípio inviolável. Sobram exemplos de inimizades entre torcidas que estão dentro da mesma união, de amizades entre grupos de diferentes alianças ou torcedores do mesmo time brigando. Portanto, se faz necessária a seguinte explanação: o mapa não reflete as alianças e inimizades entre cada uma das torcidas que compõem a união; o mapa mostra quais torcidas fazem parte de cada bloco pensado como um todo. O mapa também não mostra todas as alianças realmente existentes, ele expõe apenas as principais.

Estas alianças nascem, perduram ou terminam por diversos motivos: rivalidades regionais, relações de parentesco, amizades pessoais, auxílios em viagens, afinidade pelas cores, jogadores em comum, brigas históricas, mortos, mudança da diretoria etc. E não explicam apenas as

violências das torcidas organizadas. Também materializam vínculos de parceria, solidariedade ou ação social. Em consequência, acreditamos que o mapa pode ser uma ferramenta de utilidade pública para diversos objetivos.

Mapa 3 - Mapa das Alianças entre Torcidas Organizadas



Fonte: Elaborado por Nicolás Cabrera, Raquel Sousa e João Sudário.

Para acessar o formato interativo: <<https://observatoriosocialfutebol.org/mapa-das-redes-multi-clubes-do-futebol-full-screen/>>

É importante frisar que muitas das torcidas que entram em confronto entre si hoje estão punidas não podendo frequentar os estádios, o que mostra que a política de punição às torcidas organizadas não está sendo eficaz na luta contra a violência. Primeiro porque, como os nossos dados mostram, proibir as torcidas organizadas de entrarem nos estádios não está evitando os problemas que ocorrem longe ou nos entornos dos campos de jogo. Em segundo lugar, porque o fato de a punição ser sobre a instituição e não sobre o indivíduo traz duas consequências negativas: o castigo sobre os outros componentes das torcidas que nada têm a ver com a violência registrada e a impunidade para o infrator responsável. É por isso que nós levantamos a pauta defendida pela Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG): a punição deve ser sobre o CPF e não sobre o CNPJ.

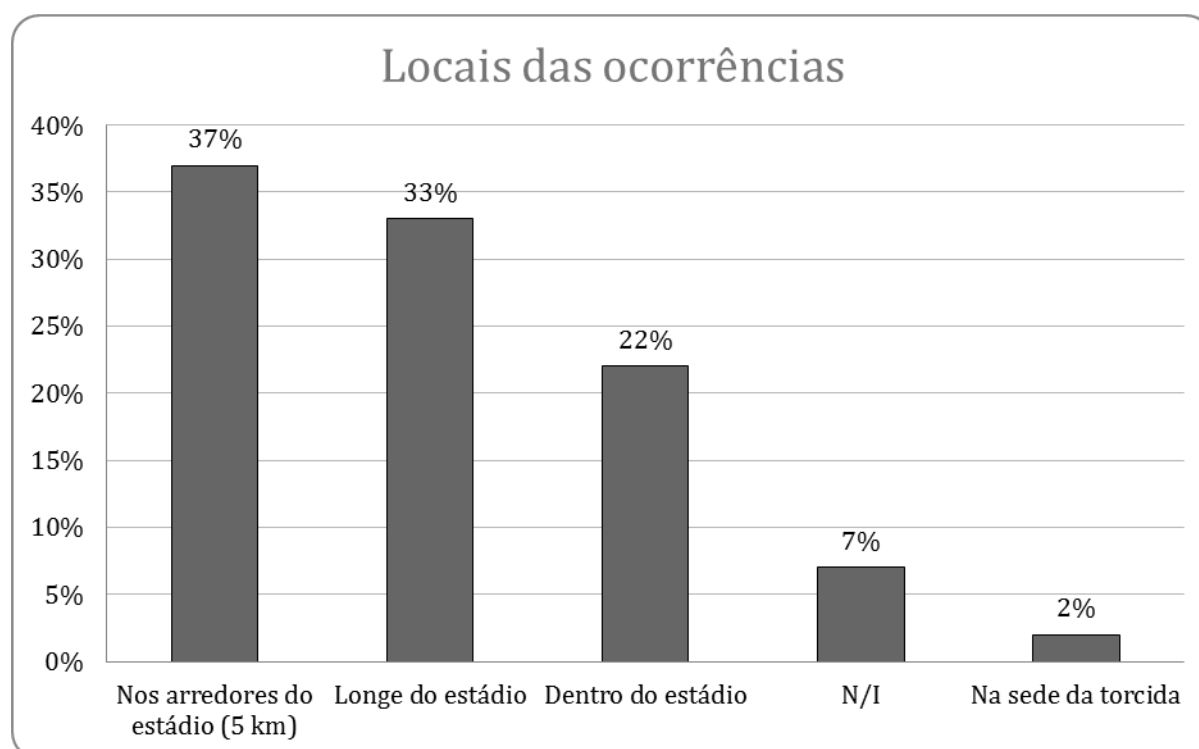
Acerca da segunda categoria mais frequente de atores envolvidos, os casos entre torcedores e forças de segurança, não nos referimos a casos noticiados envolvendo somente torcedores e as polícias, mas observamos de modo mais amplo. Também envolvendo casos entre torcedores e forças de segurança privadas, também chamadas de *stewards*. Um fator relevante sobre as forças de segurança é que devido a ação em multidões, as forças policiais atuam com equipamento de menor potencial ofensivo.

Em 2023, houve três óbitos de torcedores provocados por agentes da segurança pública: um por um policial penal de folga, outros dois por policiais que estavam trabalhando na segurança do jogo. Inclusive, um dos torcedores foi vitimado por um armamento “não letal”, que de acordo com o uso inadequado, matou Rafael Garcia, torcedor do São Paulo. Com a utilização incorreta, os armamentos menos que lesivos podem matar, por isso não é possível chamá-los de equipamentos “não letais”. Todos os casos ocorreram no entorno do estádio, o que direciona para um padrão distinto das ocorrências entre torcedores de times diferentes e torcedores e forças de segurança, como veremos a seguir.

Onde e quando ocorrem os confrontos?

Outros dados importantes estão ligados aos locais das ocorrências. A maioria delas aconteceu fora dos estádios (70%). Só 22% aconteceram dentro dos estádios. Entre aquelas acontecidas fora, 37% foram no entorno do estádio (em um raio de até 5km) e 33% mais longe do que 5 km dos estádios. As sedes das torcidas também têm sido palcos de episódios violentos, porém só contabilizam 2% dos casos.

Gráfico 2 - Locais das ocorrências



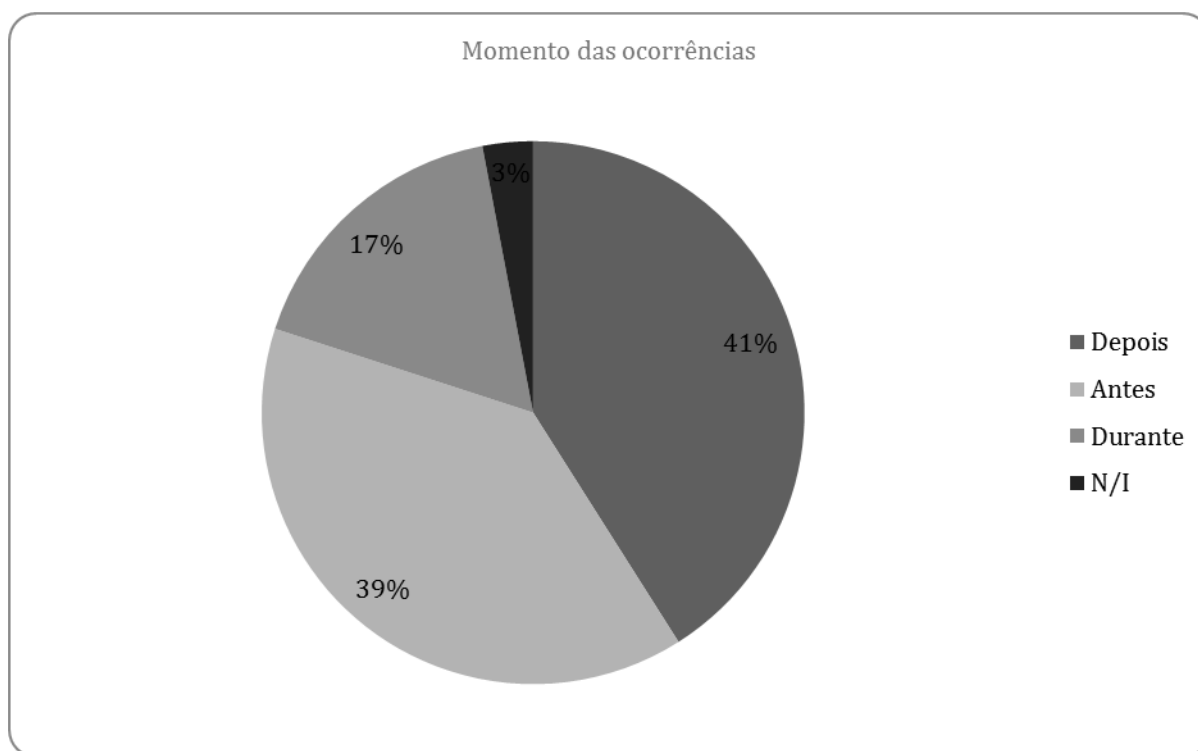
Fonte: Elaborado pelos autores.

O fato de que a maioria das ocorrências são fora dos estádios expõe o deslocamento da violência entre torcidas diferentes em relação com o passado. Antigamente era comum assistir brigas dentro dos estádios, hoje o cenário está mudando principalmente para ruas e estradas, estações de trem e metrô, praças e comércios ou sedes de torcidas e adjacências dos estádios. Já entre as violências entre torcidas e forças de segurança, o sentido é inverso, a maioria dos casos ocorrem no entorno ou dentro dos estádios. Somente 4 casos desse tipo de ocorrências aconteceram longe dos estádios.

Outro recorte produzido em nossa pesquisa foi o levantamento para sabermos qual o momento da ocorrência. Primeiramente foram separados os casos ocorridos em dias de jogos, que somam 74% dos casos, enquanto 20% dos casos não ocorreram em dias de partidas dos atores envolvidos. Em 6% dos casos não houve informação sobre a data da ocorrência.

Posteriormente, nos casos acontecidos em dias de jogos, foram destrinchadas as informações se o episódio de violência ocorreu antes, durante ou depois dos jogos. 41% dos casos foram depois do jogo, seguido de 39% antes do jogo, em uma porcentagem muito próxima, enquanto somente 17% dos casos ocorreram durante o jogo e 3% não informado.

Gráfico 3 - Momento da ocorrência



Fonte: Elaborado pelos autores.

Acerca da situação dos confrontos temos o seguinte panorama: a maior parte (20%) das ocorrências acontecem durante o trânsito das torcidas. O que se relaciona com os dados apresentados anteriormente, de que a maioria dos casos ocorrem antes ou depois dos jogos, em geral, durante o caminho de ida e volta dos estádios. Em seguida, com 17% temos as emboscadas feitas por torcidas de times diferentes, seguidas de brigas no estádio (13%), concentração de pessoas (12%), repressão policial (10%), entre outras situações.

Em resumo, as violências registradas mais preponderantes no Brasil durante 2023 foram entre torcedores de times diferentes e entre torcedores contra forças de segurança. A maioria das ocorrências aconteceu fora dos estádios e em dias de jogos, principalmente antes e depois da partida, durante o trânsito das torcidas.

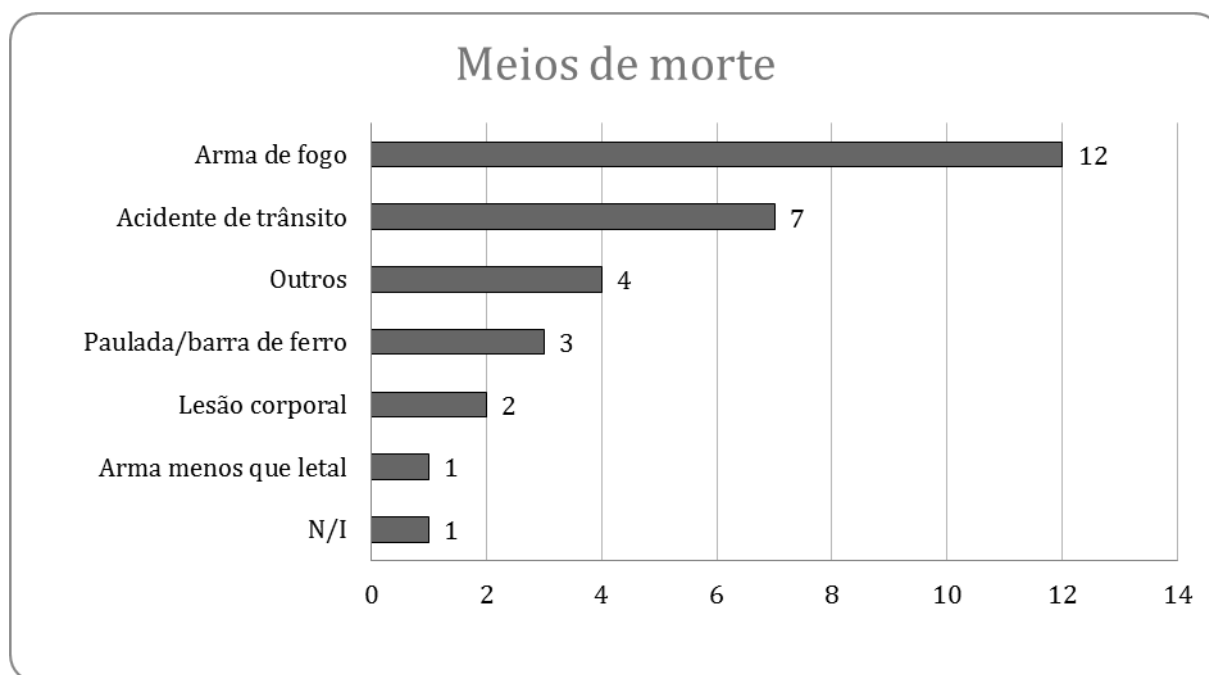
Violências letais

Dentro das violências registradas merecem uma atenção especial os casos de mortes violentas ligadas ao futebol. É importante sublinhar que quando falamos de “mortes violentas” estamos recuperando uma definição própria da área de saúde (MINAYO, 2009) muito utilizada nos estudos sociais da violência no Brasil contemporâneo (MISSE, 2006).

Para a definição de “mortes violentas” são usadas duas categorias fundamentais: a de “violência” e a de “causas externas” (MINAYO, 2009). Com “violência” continuamos falando do uso da força e das agressões físicas contra outros ou para si mesmo. O termo “causas externas” é empregado para se referir à mortalidade por: (a) homicídios e suicídios, agressões físicas e psicológicas; (b) acidentes de trânsito, transporte, quedas, afogamentos e outros; (c) lesões e traumas provocados também por esses eventos. É sempre bom lembrar que se uma morte tem causas externas, é previsível e, em consequência, é evitável.

Durante o ano de 2023, no Brasil, 30 torcedores tiveram mortes violentas, isto é o equivalente a 18,9% de todos os casos registrados. As categorias mais prevalentes são a morte seguida por uso de arma de fogo e os acidentes de trânsito. Nem em todas as mortes com armas de fogo os motivos têm a ver com questões estritamente futebolísticas, porém todas elas aconteceram em contextos ligados ao futebol, o que justifica a inclusão como casos. Em outras palavras, nós não buscamos explicar os motivos, nós pesquisamos contextos. E se a morte acontece em contextos ligados ao futebol masculino e profissional, será incluída.

Gráfico 4 - Meios de Morte



Fonte: Elaborado pelos autores.

O meio de morte mais comum é o uso de arma de fogo. Ainda faltam pesquisas mais aprofundadas para entender como e porque parece ser cada vez mais comum o uso delas nas brigas ligadas a contextos futebolísticos. Uma hipótese tem a ver com o deslocamento geográfico da violência mencionada anteriormente. Antigamente, era bem mais difícil usar armas de fogo nas brigas que aconteciam dentro dos estádios ou nos arredores pela presença policial. Nos últimos anos, com as brigas ocorrendo em locais afastados dos estádios e com a permanente ameaça de emboscadas durante os deslocamentos, os ataques são mais imprevisíveis. Diante daquela imprevisibilidade, a posse e/ou uso de armas de fogo acabam sendo um recurso comum para atacar ou responder agressões que podem vir em qualquer local ou momento.

Outras hipóteses que precisam ser pesquisadas empiricamente têm a ver com a possibilidade de ter uma maior quantidade de armas circulando na população em geral, produto do desregulamento do mercado armamentista acontecido nos últimos anos no Brasil. Outra hipótese tem a ver com as relações que podem ter alguns componentes das torcidas organizadas com o crime organizado. Além das causas, o fato é que o uso de armas de fogo incrementa a letalidade da violência, sendo assim o principal causante das mortes registradas. Nesse sentido, urge a necessidade de exercer um controle maior sobre as armas circulantes assim como também um trabalho de conscientização nas torcidas organizadas para evitar o uso delas como meio legítimo de combate.

O alto número de mortes em acidente de trânsito reforça uma conclusão já mencionada: os riscos na hora do deslocamento de torcedores. Em agosto de 2023, após uma partida entre Corinthians e Cruzeiro, sete torcedores do time paulista morreram depois de um grave acidente de ônibus em Igarapé, na região Metropolitana de Belo Horizonte.

Outro dado sobre as vítimas fatais mostra que 17 casos ocorreram longe dos estádios, enquanto 12 nos entornos e 1 foi uma emboscada na sede da torcida. Todas as mortes foram fora dos estádios, fato que também confirma o já mencionado deslocamento da violência para os espaços afastados dos jogos.

A situação mais recorrente, quando se trata de mortes, é o trânsito de torcedores (10 vítimas), seguido de emboscadas (7 vítimas). No que se trata sobre os atores, 10 casos ocorreram com torcedores de times diferentes, 9 não tiveram informação, 7 foram acidente com o ônibus da caravana, 3 por forças policiais e 1 por outras causas. Reforçando a maior frequência de casos entre torcedores diferentes e em lugares longe dos estádios.

Sabendo que um dos principais problemas da violência é a impunidade, e pretendendo colaborar na formulação de políticas específicas e diagnósticos técnicos no campo da segurança esportiva e da comunicação pública para o desenvolvimento de estratégias orientadas a reduzir as violências e mortes ligadas aos eventos futebolísticos, desde o Observatório Social do Futebol produzimos a “**Lista de Vítimas do Futebol Brasileiro masculino e profissional**”.

Aqui encontraram dados básicos das vítimas, acompanhado com algumas breves informações sobre a situação do óbito segundo os veículos da imprensa registrados. Majoritariamente jovens entre 20 a 40 anos, mortos por arma de fogo, como informado antes. Houve 4 casos de falecimento que ocorreram em dias de jogos clássicos estaduais, o que nos alerta para as possibilidades de conflitos, dada as diferenças de alianças entre torcidas. Isso também se reflete nos casos de clássicos interestaduais, que em 2023 somam sete casos.

Lista de vítimas de violência letal no ano de 2023:

1- Rafael Garcia - Idade: 32 Sexo: Masculino Time: São Paulo Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Polícia/Forças de segurança Meio utilizado: Arma menos que letal.

2- Bruno Macedo dos Santos - Idade: 34 Sexo: Masculino Time: Vasco da Gama Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Alvo de traficantes da região, segundo meios de comunicação Meio utilizado: Arma de Fogo.

3- Eder Eliazar - Idade: 38 Sexo: Masculino Time: Vasco da Gama Qual foi a situação da morte? Agressão Física Quem foi o agressor? Torcedores de time adversário Meio utilizado: Lesão Corporal.

4- Ítalo Silva de Lima - Idade: 29 Sexo: Masculino Time: Ceará Qual foi a situação da morte? Agressão física. Quem foi o agressor? Torcedores de time adversário Meio utilizado: Pauladas/ barras de ferro.

5- Thiago Leonel Fernandes da Motta - Idade: 40 Sexo: Masculino Time: Fluminense Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Polícia/forças de segurança Meio utilizado: Arma de fogo.

6- Rodrigo Miguel de la Torre Machado Pereira - Idade: 40 Sexo: Masculino Time: Vasco da Gama Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: Arma de fogo.

7- Lucas Gabriel Rosendo - Idade: 21 Sexo: Masculino Time: Santa Cruz Qual foi a situação da morte? Morte em decorrência de agressão Quem foi o agressor? Torcedores de time adversário Meio utilizado: Agressão física.

8- Pedro Lúcio dos Santos - Idade: 47 Sexo: Masculino Time: CSA Qual foi a situação da morte? Morte em decorrência de agressão Quem foi o agressor? Torcedores de time adversário Meio utilizado: Pauladas/ barras de ferro.

9- Jonh Lucas, conhecido como D'Luca - Idade: N/I Sexo: Masculino Time: CSA Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Torcedor de time adversário Meio utilizado: Arma de fogo.

10- Rafael de Moura Merenciano - Idade: 35 Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Torcedor de time adversário Meio utilizado: Rojão/ foguete/ bomba caseira.

11- Gabriela Anielle - Idade: 23 Sexo: Feminino Time: Palmeiras Qual foi a situação da morte? Acidente Quem foi o agressor? Torcedor de time adversário Meio utilizado: Garrafa de vidro.

12- Rafael Miguel - Idade: 24 Sexo: Masculino Time: Coritiba Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Suspeita de ser torcedor de time adversário Meio utilizado: Arma de fogo.

13- Leandro José da Silva - Idade: 40 Sexo: Masculino Time: Botafogo Qual foi a situação da morte? Morte sob investigação Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: N/I.

14- Reinaldo Baptista da Silva Júnior ("Dinho") - Idade: 25 Sexo: Masculino Time: Flamengo Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Torcedor de time adversário Meio utilizado: Arma de fogo.

15- Allan Luiz Sampaio Aguiar - Idade: 31 Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

16- Hamilton Rogério dos Santos - Idade: 46 Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

17- Vanderlei Rosielton Henrique Simão - Idade: 41 Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

18- Andrey Francisco - Idade: 26 Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

19- José Antônio da Silva - Idade: N/I Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

20- Renan Wellington Barbosa - Idade: N/I Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

21- Rodrigo Lacerda de Barros - Idade: N/I Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente de ônibus de torcida Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: N/A.

22- Leonardo Lucas Silva de Carvalho - Idade: 26 Sexo: Masculino Time: ABC Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Polícia/forças de segurança Meio utilizado: Arma de fogo.

23- Ozeni de Sousa Silva "Guabiru" - Idade: 39 Sexo: Masculino Time: Fortaleza Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: Arma de fogo.

24- Rafael Suman Brolezi - Idade: 16 Sexo: Masculino Time: Corinthians Qual foi a situação da morte? Acidente Quem foi o agressor? N/A Meio utilizado: Choque ao encostar em um poste.

25- Diego Augusto Gomes Barbosa - Idade: 38 Sexo: Masculino Time: Cruzeiro Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: N/I.

26- Maxwel Lopes - Idade: entre 22 a 26 Sexo: Masculino Time: Vasco da Gama Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Alvo de traficantes da região, segundo meios de comunicação Meio utilizado: Arma de fogo.

27- Não informado (N/I) - Idade: 20 Sexo: Masculino Time: CSA Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: Arma de fogo.

28- Cleicon Carvalho da Fonseca - Idade: 43 Sexo: Masculino Time: Ceará Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? Torcedor de time adversário Meio utilizado: Arma branca.

29- Debson Jonathas de Oliveira Santos - Idade: 29 Sexo: Masculino Time: São Paulo Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: Arma de fogo.

30- Valdir Feitoza de Almeida - Idade: 27 Sexo: Masculino Time: São Paulo Qual foi a situação da morte? Homicídio Quem foi o agressor? N/I Meio utilizado: Arma de fogo.

Considerações Finais

A partir dos dados apresentados ao longo deste artigo esperamos colaborar na formulação de políticas públicas e diagnósticos técnicos no campo da segurança esportiva, ao mesmo tempo que se colabora na criação de estratégias de intervenção para melhorar a convivência em busca de um futebol cada vez mais democrático, tolerante, plural e inclusivo, pautando-se na defesa e manutenção do direito de torcer.

Com o intuito de auxiliar na produção de um evento esportivo seguro e que garanta os direitos do torcedor, sugerimos que se crie um órgão oficial a fim de monitorar e registrar, de forma contínua e padronizada, todas as ocorrências de violências ligadas ao futebol. Para isso será necessário desenvolver um protocolo nacional de coleta de dados sobre violência ligadas ao futebol a partir de diversas fontes confiáveis.

Para além da base de dados das ocorrências ligadas ao futebol para fundamentação de políticas públicas é importante a criação de um sistema de monitoramento contínuo das alianças e rivalidades entre torcidas organizadas em nível nacional. O "Mapa das Alianças" poderia ser uma ferramenta para identificar e prevenir confrontos antes de eventos críticos, como clássicos estaduais e interestaduais.

Pontuamos que devido ao aumento de mortes causadas por armas de fogo, é fundamental implementar um controle mais rigoroso sobre o acesso e a circulação de armas. Também seria

benéfico lançar campanhas de conscientização dentro das torcidas organizadas para desestimular o uso de armas.

Apresentamos que se faz necessário reavaliar a política de torcida única já que em estados como São Paulo e Paraná não tem demonstrado eficácia na redução da violência. Sugere-se um estudo mais aprofundado sobre os impactos dessa medida, com a possibilidade de promover eventos com torcidas mistas, acompanhado de iniciativas de conscientização e campanhas de paz.

Se faz necessária a supervisão das forças de segurança, tanto públicas quanto privadas, para lidar adequadamente com multidões e utilizar de forma correta armamentos de menor potencial ofensivo. Os três óbitos de torcedores em 2023 envolvendo a segurança pública mostram a necessidade de maior supervisão e capacitação.

Como 70% dos casos de violência ocorrem fora dos estádios, especialmente durante o trânsito de torcedores, seria importante fortalecer a segurança nas áreas próximas e trajetos frequentes, como rodovias, estações de trem e metrô, e praças. A coordenação entre forças de segurança pública e privada também deve ser melhorada, com devida atenção aos transportes públicos na saída dos clássicos, podendo designar o transporte e horário para cada torcida. Outra possibilidade seria a escolta ou a saída de torcidas em horários distintos, mesmo em jogos com torcida dividida. Muitos casos ocorrem no caminho ao estádio e a saída dos torcedores também carece de atenção.

Também apresentamos a necessidade de regulamentação do uso do reconhecimento facial nos estádios brasileiros com o intuito de reduzir os erros e abusos com o uso da tecnologia, com padronização de ação policial em casos em que a tecnologia apresenta um caso positivo. Para não se repetir o que aconteceu com o torcedor do Confiança-SE em abril de 2023, há a necessidade dos clubes e instituições públicas produzirem relatórios acerca dos acessos com essa tecnologia, apresentando, inclusive, os casos de falso positivo.

Como alternativa às medidas aplicadas atualmente, destacamos que é necessário promover a punição individual dos envolvidos em atos violentos por meio do uso de CPF, em vez de penalizar a torcida organizada como um todo (CNPJ), como pleiteia a ANATORG. Isso evitaria a punição coletiva e garantiria que os infratores sejam diretamente responsabilizados.

Todavia, a ação prioritária é a promoção de um maior diálogo entre autoridades e torcedores, sejam de torcidas organizadas, barras ou outros movimentos, além de fortalecer o diálogo entre o poder público, as torcidas e as suas associações, para construir políticas de segurança que contemplem as realidades das torcidas, promovendo uma cultura de paz e convivência pacífica nos estádios e fora deles.

Referências:

- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. **Clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2009. **Tese (Doutorado em História)** – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- CABRERA, Nicolas. Violências em perspectiva comparada: jogo de espelhos entre a “barra brava” argentina Los Piratas e a “torcida organizada” brasileira Ira Jovem. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.**, – Rio de Janeiro – volume 17, número 1 – 2024.
- DA SILVA, Silvio [et al.]. **Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores [livro eletrônico]: um panorama nos dias atuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2023.
- DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick y WILLIAMS, John: “La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol: hacia una explicación sociológica”, en Elias, N. y Dunning, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 295- 322.
- FOCÁS, Brenda. **El delito y sus públicos. Inseguridad, medios y polarización**. Buenos Aires: UNSAM edita, 2020.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988
- HALL, Stuart. y JEFFERSON, Tony. **Rituales de resistencia. Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de Posguerra**. Madrid: Traficante de sueños, 2014.
- HELAL, Ronaldo. **Futebol, Jornalismo e Ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.
- LOPES TAVARES, Felipe. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. São Paulo: CRV, 2019.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Teorias da comunicação, hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.
- MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- NERY, Luis. **Violência no futebol: mortes de torcedores na argentina e no brasil**. São Paulo: Multifoco, 2012.
- PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PIMENTA, Carlos. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção de novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 1997.
- REIS, Heloisa. **A violência nos estádios**. São Paulo: FAPESP, 2000.
- RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- SILVA, Juliana Nascimento da. **Da festa à guerra?: a construção da representação da torcida organizada Raça Rubro-Negra durante o processo de modernização do futebol brasileiro (1987-1998)**. Rio de Janeiro, 2021. 191f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOUSA, Raquel de O. **Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios**: conhecendo melhor este núcleo especializado da Polícia Militar do Rio de Janeiro. 2021. 346 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA MINAYO, María Cecilia. Seis características das mortes violentas no Brasil. **Revista Brasileira De Estudos De População**, 26(1), 135–140. 2009. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/article/view/151>>. Acesso em: 01 out. 2024.

TEIXEIRA, Rosana: **Os perigos da paixão. Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luis Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

Notas:

¹ Doutor em Ciências Antropológicas pela Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Pesquisador de pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista do Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Brasil, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É um dos fundadores do Observatório Social do Futebol e coordenador da linha de pesquisa “Violências e Convivências no Futebol”. Também atua como pesquisador no Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME) da UERJ. E-mail: nico_cab@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-9360-6479>

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (PPCIS/UERJ). É uma das fundadoras do Observatório Social do Futebol (UERJ) e coordenadora da linha de pesquisa “Violências e Convivências no Futebol”. Também é pesquisadora do Laboratório de Análise da Violência (LAV-UERJ). E-mail: raqueldeoliveirasousa@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-8769-6324>

³ Cada episódio de violência pode conter mais de um caso registrado, por exemplo, em um caso em que há briga entre duas torcidas e uma ação violenta por parte das forças de segurança, são registrados dois casos diferentes, em um mesmo episódio. O primeiro pela briga entre as torcidas e o segundo pela ação violenta das forças de segurança.